

## ENSINAR E APRENDER . (Tentativas de modificar estereótipos educacionais e m História).

---

MIRIAM LIFCHITZ MOREIRA LEITE.  
do Setor de Documentação Histórica do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo .

Numa conferência pronunciada em 1961, na Associação Argentina de Psicologia e Psicoterapia de Grupo, José Bleger (1) propôs a supressão da dissociação entre quem ensina e quem aprende e sua substituição por uma "ensinagem". Embora a sua mudança nas situações estereotipadas do ensino, quas e rituais, crie algum angústia, rompam um bloqueio e levem alunos e professores a enfrentar os problemas com uma nova atitude de humildade, de quem está procurando aprender e por isso tem a possibilidade de declarar, sem nenhum desdouro, que "não sabem" alguma coisa e desejam vir a saber. A imagem do professor onipotente e onisciente perturba a aprendizagem até do professor, pois o impede de utilizar claramente seus instrumentos para solucionar problemas e o leva, imperceptivelmente, a transmitir informações "prontas e acabadas". A maneira de transmitir aos estudantes o instrumento para resolver problema e dúvida é transformá-los de receptores passivos e indivíduos capazes de utilizar suas potencialidades para compreender e estudar o que lhes é proposto .

Karl R. Rogers, em sua conferência "Uma esperança para a Educação" (2) procura aplicar a terapia centralizada ao paciente à

---

(1). — Bleger (José), "Grupos operativos en la enseñanza" in *Temas de Psicología (entrevistas e Grupos)*. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 1974, pp. 55-86 .

(2). — Karl R. Rogers e Barr y Stevens, *De Pessoa para Pessoa (O Problema de ser Humano) Uma Nova Tendência na Psicologia*. São Paulo Pioneira, 1976 .

situação educacional . Pretende com isso ajudar o estudante a ter ações espontâneas e responsáveis , através da autenticidade e compreensão do professor , a valorizar os sentimentos e opiniões do estudante , criar oportunidade para que se interiorize uma forma nova de enfrentar o estudo e a compreensão , não orientada pela aprovação alheia , mas em função de um interesse real , que permite a mobilização da energia para a solução de problemas .

As experiências realizadas de ensino programado , inspiradas no comportamentismo de Keller , por sua vez , procuraram individualizar o exercício disciplinado do estudante , procurando fazer com que ele , dentro de seu ritmo , consiga ler e procurar texto s para discutir com colegas e monitores , at é poder avaliar por escrito e individualmente a compreensão obtida do que estudou .

As três orientações mostram que a preocupação com o ensino e a aprendizagem nos diferentes níveis não é um problema brasileiro , mas vem atingindo todos os que trabalham em Educação e em campos afins .

Em alguns casos , observa-se a preocupação com os professores , que negligenciam sua função de profissionais do ensino , embora sejam especialistas ou técnicos em seu campo de atividade . É o que levou à publicação de *Planejamento e Organização do Ensino* (Um manual programado para o treinamento do professor universitário ) do Laboratório de Ensino Superior da Faculdade de Educação da Universidade do Rio Grande do Sul , sob a coordenação de Louremia Ercolani Saldanha , (Porto Alegre , Editora Globo/MEC , 1974 ) 40 2 pp .

Em outros , a preocupação é com os alunos , que desorientam os professores por seu número , suas novas atitudes e pelo anonimato e dispersão de atenção que o grande grupo permite . Com o é possível verificar em artigos e livros especializados de inúmeros países , alguns dados da situação já estão claros : 1 . — A escola deixou de ser um privilégio de uma minoria e passou a ser uma necessidade de uma população cada vez maior . 2 . — Além de perder o prestígio social , como líder intelectual , o professor está cada vez mais sobrecarregado pela avalanche de conhecimentos . 3 . — A escola , em seus vários níveis , deixou de ser a fonte de conhecimento e formação , passando a sofrer forte concorrência dos meios de comunicação de massa . Diante desta situação , diversas são as tentativas para modificar a estrutura escolar , nos diversos níveis e do tipo de relacionamento entre professores e alunos .

O aproveitamento dos meios de comunicação de massa , através de fascículos fartamente coloridos , vendidos a preços módicos em ban-

cas de jornais tem procurado fazer a divulgação amenizada de conhecimentos. Em diversos casos, o que se verificou é que essa "literatura didática" não atingiu exatamente a faixa da população que mais necessitaria de sua contribuição. O rádio e a televisão tem sido utilizados com o meio de educação de massa, tendo havido experiência na Fundação Centro-Brasileira e TV-Educativa do Rio de Janeiro, Secretaria da Educação de São Paulo, TV Universitária do Recife e Fundação Padre Anchieta de preparo para exames de madurez, acompanhados, e em alguns casos, de publicações periódicas para permitir a fixação e a sistematização da aprendizagem e da instalação de telepostos com monitores, a fim de auxiliar os alunos nas dúvidas que apresentassem.

No caso do ensino de História Geral e História do Brasil, houve uma tentativa na TV Cultura, procurando reduzir o programa dos candidatos à madurez a um ponto básico e, através da imagem e da linguagem colóquio I supera a distância entre o professor e o aluno adulto e cansado — a maior clientela dos exames de madurez ou supletivos. A possibilidade de acompanhar o programa da televisão com um texto escrito parece ter auxiliado os alunos que frequentaram os telepostos e que, segundo pesquisas realizadas pela Fundação Carlos Chagas (3) eram os que não se sentiam capazes de ter uma aprendizagem eficiente e independente, utilizando exclusivamente a preparação e estímulo proporcionados pela televisão.

A necessidade que o produtor dos programas educativos na televisão sentiu de utilizar elementos de surpresa, a variedade e dramatização com o causadores de impacto e motivação é um material precioso para ser analisado e aprendido, mas frequentemente enfrenta um obstáculo — a necessidade de deformação, o anacronismo com o dado de confusão entre dois tipos de situação e a desestimulação de hábitos de auto-educação e disciplina cada vez mais ausentes entre as pessoas afeitas apenas aos recursos audio-visuais. Essas dificuldades não foram observadas apenas na experiência pioneira de TV nacional, mas já em 1967 tinha sido apontada nos *Cahiers Pédagogiques* (Sèvres, França) por Edmé e Hatinguais, a examinar "O Método dos Ativos no Ensino Secundário".

Suely Robles de Queiroz e José Sebastião Witter (4), da Universidade de São Paulo, combinaram seu preparo acadêmico ao conheci-

---

(3). — Barros (Carmen Lúcia de Melo) e Oliveira (Lólio Lourenço de), *O Madurez em São Paulo*. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1971.

(4). — Queiroz (Suely Robles Reis de) e Witter (José Sebastião), "Ensino da História pela televisão: uma experiência", in *Anais do VI Simpósio Nacional dos Professores Universitários de História*. V. II. 1971: Revista de História, 1973, pp. 103-121.

mento da técnica de comunicação de Cesário Paladino de Palma Travassos e produziu alguns filmes de História do Brasil para a TV Cultura, Fundação Anchieta, que inúmeros professores de 1.º e 2.º graus têm utilizado como material didático complementar. O interesse que desperta o novo recurso didático é de avaliação difícil. Nem sempre se obteve a passagem para imagens das idéias e fatos que se desejou transmitir. Se a aprendizagem é mais rápida, não se pode ainda verificar até que ponto a visualização ou a discussão a respeito de fatos corresponde à reflexão sistematizada a respeito de um texto lido e relido.

A fim de evitar o trabalho em grupo, com grande probabilidade de poucos trabalharem e muitos copiarem um trabalho já realizado, o tumultuamento de classes muito grandes e a instabilidade dos alunos, Sebastião Witter e Geraldina Porto Witter (5), assessorados por monitores do curso de pós-graduação já repetiram quatro vezes um experimento de curso de instrução programada de História da República. Os organizadores do curso consideram suas vantagens o exercício disciplinado do aluno, de ler os textos apresentados e a bibliografia indicada, para ter uma avaliação variada e individual de sua compreensão antes de passar ao estudo de novo problema. O trabalho do professor aumenta consideravelmente, pois à critério a seleção anterior de textos a analisar, precisa estar preparado para examiná-lo junto aos alunos, a fim de captar suas dificuldades e dúvidas. Não só o professor precisa ser capaz de ajudar os alunos na compreensão do texto, com o este precisa ser capaz de exprimir as suas dúvidas e apontar o que exige maior estudo. O professor precisa confiar na capacidade de trabalho e interesse do aluno e valorizar suas opiniões e sentimentos para que o aluno adquira hábitos de auto-educação. Apesar do trabalho que representa, acrescentado do da leitura dos trabalhos e do registro permanente de avaliações, os resultados têm sido satisfatórios e animado seu autor a prosseguir em sua tentativa de renovação do ensino da História.

São alguns dos esforços realizados para impedir novas dedicatórias expressivas como a do livro autobiográfico, de Jules Vallès *L'enfant* (Paris: Garnier-Flammarion [1879] 1968):

---

(5). — Witter (G. P.), Witter (J. S.) e Silveira (R. M. G.), "Curso Programado de História do Brasil" in *Revista de História* N.º 99, 1974.

A todos  
que se abrasaram no tédio da escola  
ou  
que na família fizeram chorar,  
que, durante a infância  
foram tiranizados por seus professores  
ou  
sovados pelos pais  
dedico este livro  
Jules Vallès.